

4

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL
- GRUPO BASE DE CURRÍCULO -

TAREFAS EVOLUTIVAS DAS CRIANÇAS E DOS ADOLESCENTES

Robert J. Havighurst
Do I.N.E.P.

O crescimento consiste, por um lado, na aprendizagem e, por outro, no desenvolvimento natural de músculos, nervos, ossos e modos de proceder.

A natureza concede amplas possibilidades para o desenvolvimento do corpo humano, mas só a aprendizagem irá decidir quais dessas possibilidades serão realizadas. Isto em relação a atividades biológicas, tais como dormir e comer, pois as de caráter mais social, como a linguagem, as atividades econômicas e religiosas são quase que inteiramente produto de aprendizagem proporcionada pela sociedade.

O caminho da aprendizagem não é uma longa e vagarosa subida, sempre com algo novo para se aprender a cada dia; consiste, ao contrário, em encostas escarpadas onde árduo é o esforço dispendido para aprender. Às vezes, entre essas escarpas, surge um platô em que se pode, quase sem nenhum esforço, fazer rápidos avanços. Por exemplo: o menino trabalha duramente para aprender a equilibrar e chutar a bola, mas, uma vez adquirida essa habilidade, poderá contentar-se com ela durante anos. A meninazinha dispende muito esforço para aprender a compor as letras numa caligrafia limpa e feminina. Aprende isso dos cinco aos dez anos e, depois, domina a tarefa. Nas sociedades simples, imutáveis, o adolescente é já senhor da maior parte das tarefas resultantes de a aprendizagem. Conhece soluções para a maioria dos problemas da vida. Para ele, o aprendizado está quase completo. O mesmo não ocorre na sociedade moderna em transformação, onde a vida social muda tanto que o indivíduo necessita continuamente aprender a se adaptar às novas condições.

As tarefas que o indivíduo deve aprender - as tarefas evolutivas da vida - são os fatores que constituem o crescimento saudável e satisfatório em nossa sociedade. São as coisas que uma pessoa deve aprender para que os outros a julguem uma pessoa razoavelmente feliz e bem sucedida. Para que ela mesma se julgue assim. A tarefa evolutiva surge em determinados momentos da vida do indivíduo e, se realizada com êxito, dá-lhe felicidade e leva-o a novos êxitos em tarefas posteriores; o fracasso, ao contrário, conduz à infelicidade, à desaprovação da sociedade e à dificuldade na realização de tarefas posteriores.

O protótipo da tarefa evolutiva é a formação, puramente biológica, dos órgãos no embrião. "Nessa evolução, cada órgão tem seu tempo de origem e esse fator tempo é tão importante quanto o lugar da origem. Se, por exemplo, o olho não aparecer na hora certa, nunca mais poderá expandir-se plenamente, pois já terá chegado o momento do crescimento rápido de alguma outra parte que tentará dominar a região menos ativa e suprimir a tendência retardada do olho para se expandir.

Depois que o órgão começou a se desenvolver na hora certa, outro fator tempo determinará uma fase ainda mais crítica de seu desenvolvimento: para que possa ser completamente suprimido, ou grandemente modificado, um determinado órgão tem que ser interrompido durante as primeiras fases de seu desenvolvimento... Depois da feliz irrupção de um órgão em estado embrionário, ele poderá ser estropiado ou atrofiado, mas sua natureza e sua própria existência não mais poderão ser destruídas pela interrupção do crescimento.

O órgão que perde seu momento de ascendência não está condenado apenas como indivíduo; põe em perigo, ao mesmo tempo, toda a hierarquia orgânica. A paralisação, portanto, de uma parte em rápida evolução não só tende a suprimir temporariamente seu desenvolvimento, como também à perda prematura de sua preminência para outro órgão qualquer. Tende, também, a tornar impossível o retorno à dominância da parte suprimida que fica, assim, permanentemente modificada... O resultado de um desenvolvimento normal é a relação adequada entre o tamanho e a função dos órgãos do corpo: o fígado de tamanho adequado ao do estômago e ao dos intestinos, o coração e os pulmões bem equilibrados e o sistema vascular com capacidade exatamente proporcional a todo o corpo. A paralisação do desenvolvimento de um ou mais órgãos, pode torná-los desproporcionalmente pequenos. Isto transforma a harmonia funcional e produz um indivíduo defeituoso.

Essas tarefas evolutivas do corpo, puramente biológicas, ilustram a essência das tarefas bio-sócio-psicológicas de que nos ocupamos. Se a tarefa não for realizada em tempo hábil, não será bem realizada e este fracasso determinará um insucesso parcial ou total na realização de outras tarefas futuras.

Vejam, por exemplo, a tarefa de aprender a ler. Num determinado momento, entre as idades de um e dois anos, a maioria das crianças domina os elementos essenciais da fala e da linguagem humana. No fim do segundo ano, elas tem ainda muito o que aprender, mas já estarão bem adiantadas. Aprenderam a falar. Certos dados, colhidos nas poucas informações que possuímos a respeito de crianças que não tiveram companhia humana nos primeiros anos de sua vida e que, por isso mesmo, não aprenderam a falar, provam que a tarefa de aprender a falar, fora do tempo oportuno, é extremamente difícil e que talvez nunca chegue a ser integralmente realizada. O segundo ano de vida é o período crucial dessa tarefa. E se não for aprendida nesse período, tal fracasso impedirá a realização de outras tarefas que dependem, em grande parte, da linguagem.

A Origem das Tarefas Evolutivas

Com o crescimento, o indivíduo adquire novos recursos físicos e fisiológicos. As pernas dos bebês crescem e se robustecem, permitindo-lhes andar. O sistema nervoso da criança torna-se mais complexo, permitindo-lhe raciocinar com maior sutileza e compreender a complexidade de assuntos como a aritmética. O indivíduo se depara, também, com novas exigências e expectativas da sociedade de que o cerca. Do bebê espera-se que aprenda a andar e da criança, que aprenda a subtrair e dividir.

Essas forças internas e externas contribuem para fixar uma série de tarefas evolutivas que o indivíduo terá que dominar, se quiser transformar-se num ser humano feliz.

Algumas tarefas decorrem, principalmente, da maturação física, como, por exemplo, aprender a andar, aprender a se comportar decentemente na adolescência, com o sexo oposto e (no caso das mulheres) a se ajustar à menopausa, na meia idade.

Outras tarefas decorrem, principalmente, da pressão cultural da sociedade, como aprender a ler e a participar da vida em sociedade como um cidadão socialmente responsável.

* Transcrito de Childhood and Society, Erik Erikson. (New York: W.W. Norton, 1950) págs. 61-62. As transcrições de Erikson são de The Physical Basis of Personality, C. H. Stockard. (New York: W.W. Norton, 1931).

Há uma terceira fonte de tarefas evolutivas, a saber: os valores pessoais e as aspirações do indivíduo, que são parte de sua personalidade, do seu "eu". A personalidade ou "eu" surge da ação recíproca de forças orgânicas e ambientais. Com o desenvolvimento do "eu", a personalidade transforma-se, cada vez mais, em uma força autônoma no desenvolvimento subsequente do indivíduo. Aos 3 ou 4 anos, já a personalidade do indivíduo define e realiza, com eficiência, suas tarefas evolutivas.

Podem ser apontados como exemplos de tarefas determinadas primordialmente pelos motivos e valores pessoais do indivíduo, "a escolha de uma ocupação e o preparo para a mesma, a aquisição de uma escala de valores e de uma filosofia de vida".

As tarefas evolutivas podem decorrer, portanto, da maturação física, da pressão de processos culturais sobre o indivíduo, de desejos, aspirações e valores da personalidade que surge e, na maioria dos casos, da combinação desses fatores em atuação simultânea.

O Momento Próprio Para o Ensino

Duas são as razões pelas quais o conceito de tarefas evolutivas é de grande utilidade para os educadores. Em primeiro lugar, ajuda-os a descobrir e a determinar os propósitos da educação nas escolas. Podemos conceber a educação como o esforço da sociedade para, através da escola, ajudar o indivíduo a realizar algumas de suas tarefas evolutivas.

A segunda utilidade do conceito está em determinar o momento propício para os esforços educacionais. Quando o corpo está maduro e a personalidade de pronta para realizar uma determinada tarefa (a sociedade assim o exige), é chegado o momento propício para o ensino. Certos esforços do ensino - que seriam em grande parte desperdiçados, se aplicados cedo demais - dão excelentes resultados quando aplicados no momento exato em que a tarefa deve ser aprendida.

Tarefas Evolutivas da Idade Escolar

As tarefas evolutivas das crianças em idade escolar são mais ou menos evidentes para quem compreenda as crianças e a cultura em que são criadas. Ao se fazer uma lista de tais tarefas, surge, entretanto, a questão da generalidade ou do âmbito de uma determinada tarefa. Assim, poderíamos referir-nos a tarefas evolutivas como aprender a chutar a bola, a nadar, a andar de bicicleta. Se fôssemos relacionar as tarefas de maneira tão específica, encontraríamos centenas delas. Para sermos mais práticos, portanto, empregaremos categorias mais amplas, tais como "o desenvolvimento da habilidade física", que incluirá várias outras tarefas mais específicas. Partindo daí, podemos distinguir nove tarefas evolutivas para as crianças em idade escolar.

Tarefas evolutivas da idade escolar (dos 6 aos 12 anos)

1. Desenvolvimento da habilidade física. Neste período da vida, em que os jogos e as atividades físicas tem tanta importância para a criança, o desenvolvimento dessas atividades é uma "tarefa" que a criança se vê obrigada a realizar para não se sentir diminuída diante de seus companheiros. A este respeito, espera-se mais dos meninos que das meninas.

2. Desenvolvimento de atitudes sadias em relação à sua pessoa física. Neste período, quando surgem os dentes permanentes, quando os músculos se desenvolvem rapidamente, quando se desenvolvem modos de postura, é necessário que a criança adquira hábitos de se cuidar, isto é, que tenha uma atitude sadia e realista em relação ao próprio físico. As sociedades diferem quanto ao valor que atribuem à higidez e à aparência física, mas há geralmente um mínimo que o indivíduo deve atingir, e em função do qual julga-se e respeita-se a si próprio.
3. Desenvolvimento de boas relações com crianças de sua idade. E nesta fase da vida que a criança, fora do círculo da família, se vê obrigada a fazer amigos e a conviver com outras crianças, num mundo diferente daquele, seguro, em que até então viveu. Agora, deve contar consigo mesma para encontrar seu lugar no grupo de colegas que, de certa forma, disputam a atenção de uma nova figura materna ou paterna - o professor ou supervisor adulto.
4. Desempenho de um papel social, de acordo com seu sexo. Com base nas situações vividas anteriormente, em família, deve a criança comportar-se agora como um menino ou uma menina, de acordo com a definição que a sociedade confere a esses papéis.
5. Desenvolvimento das habilidades básicas de leitura, escrita e cálculo. Aprender a ler, escrever e calcular de modo que possa participar da vida na sociedade de nossos dias, é uma tarefa que o indivíduo deve superar neste período de vida. O nível de habilidades mentais que a vida diária requer se eleva à medida em que a sociedade se industrializa e se torna tecnologicamente mais complexa.
6. Desenvolvimento de conceitos necessários à vida diária. Um conceito é uma idéia que representa grande número de percepções particulares, ou que representa um número de idéias que implicam um menor grau de abstração. A fim de que possa pensar a respeito de assuntos profissionais, cívicos e sociais, comuns, o indivíduo precisa possuir certos conceitos básicos. Nesta fase da vida, forma milhares de conceitos que, para corresponderem à realidade, devem resultar de experiências concretas. À medida, então, que a criança cresce e acumula conceitos, vai tornando-se capaz de formar novos conceitos através de experiências indiretas derivadas de leituras, de conferências de cinema, etc.
7. Desenvolvimento de consciência moral e de uma escala de valores. Ao nascer, a criança não tem consciência, nem uma escala de valores. Os principais valores para ela são o alimento e o conforto físico. Aos poucos, passa a perceber certos valores e aprender a distinguir o bom do mau, o certo do errado. Na idade escolar deve alcançar um controle moral interior e começar a formular uma escala racional de valores. Como a vida exige sempre uma escolha entre valores, isto é, uma escolha entre coisas ou modos de ação mais ou menos desejáveis, a criança deve criar uma escala de valores que lhe permita fazer escolhas estáveis e se manter firme em suas decisões. Por exemplo: a decisão de trabalhar e ganhar dinheiro em vez de ir ao cinema e gastar, deve ser julgada, a seus olhos e aos olhos dos demais, como realmente digna do sacrifício de se privar da satisfação imediata que lhe proporcionaria o cinema.

8. Desenvolvimento da independência pessoal. Até então emocionalmente dependente de seus pais, a criança começa, neste período, a desenvolver seu próprio repertório de conhecimentos; com isso e mais o apoio e as oportunidades que encontra nos companheiros da mesma idade, vai libertando-se da total dependência em que se encontrava, e tornando-se capaz de tomar iniciativas e de assumir a responsabilidade de seus atos, coisas estas muito importantes na complexa sociedade democrática de nossos dias.
9. Desenvolvimento de atitudes em relação a grupos e instituições sociais. Este é o período em que são adquiridas as atitudes sociais básicas. Aos seis anos, saindo da família para um círculo maior, a criança possui um estoque muito pequeno, se não praticamente nulo, de atitudes em relação ao sistema econômico, às classes sociais e aos grupos profissionais. Ao terminar, entretanto, a escola primária, esta mesma criança tem já um repertório completo de atitudes sociais que colheu de sua família, seus professores, seu grupo de companheiros ou que absorveu de seu contato com a comunidade e com o mundo através do cinema, do rádio, da televisão, de livros e de aulas. E há poucas possibilidades de que esse repertório de atitudes, uma vez constituído, venha a mudar.

As tarefas evolutivas e a escola

Na realização de suas tarefas evolutivas, a criança recebe auxílio de várias pessoas e de várias instituições. As pessoas de sua família, por isso mesmo, são muito importantes aos seus olhos, mas ela aprende também com professores e colegas. No que toca às instituições fora da família, a igreja e a escola são as que lhe proporcionam maior assistência.

Para certas tarefas, como a aprendizagem das habilidades mentais básicas, a escola é, evidentemente, a principal responsável. Nenhuma instituição pode, entretanto, realizar adequadamente suas funções se não levar em conta o que as outras instituições estão fazendo pela criança, com relação a outras tarefas. Isto acontece porque há uma inter-relação sistemática das tarefas evolutivas; por conseguinte, quando uma delas é realizada com êxito, produz um efeito em volta que permite a realização correta de outras tarefas diferentes. Em compensação, o fracasso na execução de uma tarefa tende a impedir o sucesso de outras. Essa interdependência das tarefas evolutivas foi demonstrada num estudo de adolescentes norte-americanos em que se avaliou um grupo de meninos e meninas segundo a realização de suas tarefas evolutivas e onde se estudaram, também, as relações entre as diferentes tarefas.

Poder-se-ia supor que uma pessoa conseguisse compensar uma inferioridade em certas tarefas evolutivas pela superioridade em outras. Por exemplo: uma pessoa que fosse inferior na manutenção de boas relações com colegas poderá compensar inferioridade com um sucesso fora do comum no desenvolvimento das habilidades mentais básicas. Isso é certamente possível, mas não ocorre com frequência, segundo os resultados de estudos feitos com crianças e adolescentes.

Consequências do fracasso

Quando uma criança fracassa em suas tarefas evolutivas, apresenta um destes dois tipos de sintomas: ou luta com enorme, porém mal orientada, energia para cumprir a tarefa, ou se retrai, não se esforça e torna-se uma pessoa passível e inútil. Vejamos, por exemplo, o caso de Maria, que tem 11 anos de

idade. É uma menina muito acanhada, mesmo na escola onde conhece bem as outras crianças e a professora. Tem ligeiro defeito de dicção, que a faz se sentir embaraçada quando precisa recitar a lição. Por isso, quando a professora a chama, hesita e, muitas vezes a professora passa para outro aluno antes que ela possa dizer alguma coisa. A turbulência das outras crianças amedronta-a e ela não participa dos jogos mais ativos. Na realidade, é praticamente invisível no cenário social. Sua habilidade mental, quando submetida a teste por psicólogos pacientes e indulgentes, mostra-se boa, mas seus professores não percebem essa habilidade. Sentada na sala de aula, fica a sonhar, esquecida, deixando muitas vezes de concluir as lições passadas. Em casa, é uma criança cumpridora de seus deveres, obedecendo sempre aos pais. Na realidade, é muito mais dependente e obediente que o comum das meninas de sua idade. Nunca foi ao cinema com outras crianças e raramente sai sem seus pais, a não ser para cobrir o trajeto habitual de sua casa à escola, e vice-versa.

Maria está fracassando em várias tarefas evolutivas fundamentais. Não está desenvolvendo as habilidades físicas que se espera de uma menina de sua idade, nem está aprendendo a lidar com os colegas a fim de adquirir uma posição estável na vida do grupo de crianças de sua idade. Está, também, atrasada na tarefa de se tornar uma pessoa independente. Esses fracassos concorrem para que ela falhe nas tarefas de aprendizagem das habilidades mentais básicas e dos conceitos necessários a uma vida normal. Apesar de possuir, potencialmente, boa habilidade mental, acabará sendo uma pessoa tímida, sem o necessário desenvolvimento intelectual. Os sintomas de seu fracasso traduzem-se na renúncia ao esforço para crescer.

Um outro tipo de reação ao fracasso na realização de tarefas evolutivas, é o apresentado por Cláudio. Trata-se de um menino de 13 anos, gordo, sem jeito e sem habilidade para qualquer jogo. Muito crescido para a sua idade, espera-se dele capacidade e habilidades físicas muito maiores do que ele pode realmente apresentar. É incapaz de enfrentar um menino da sua idade numa briga, mas maltrata as crianças menores. Gaba-se dos livros que lei e emprega palavras difíceis e pouco usadas, que ouve o pai dizer. Por outro lado, sua habilidade na leitura está abaixo do normal, e um teste de inteligência provou que sua habilidade mental é apenas normal. Em casa, Cláudio é um menino obediente, passivo e muito dependente, especialmente do pai. Este, no entanto, é um homem muito ocupado e não dispõe de tempo para dedicar ao menino, exceto aos domingos. Cláudio fica, então, em casa sem fazer nada, ouvindo programas de rádio. Na escola as professoras consideram-no uma boa peste que, segundo dizem, fala demais e está sempre criando confusões com as outras crianças.

Neste caso, observamos um menino que está fracassando nas tarefas de desenvolvimento das habilidades físicas e que fracassa também, de forma cada vez mais ostensiva, no trato com seus colegas de idade. A habilidade mental que adquiriu não vai além da normal, embora goste de exhibir uma certa superioridade intelectual. Não está, também, sabendo adquirir independência pessoal. Turbulência e provocação de desordem são os sintomas deste caso. Inconscientemente ele está chamando atenção para o fato de não estar realizando certas tarefas evolutivas essenciais, e talvez seus professores e seus pais o ajudem, já que ele os perturba.

Vemos, pois, que o fracasso da criança em realizar as tarefas evolutivas pelas quais a escola não é a principal responsável, pode, contudo, contribuir para a deficiência de seu trabalho escolar. Por conseguinte, uma boa escola terá que levar em consideração a realização das várias tarefas evolutivas por parte da criança, e a auxiliar nas:

- a) tarefas para as quais a escola foi especialmente criada, ou sejam as tarefas de habilidade mental e de desenvolvimento intelectual e vocacional, e
- b) tarefas em que a escola pode colaborar e para as quais o indivíduo precisa de auxílio especial. Essas tarefas são as de aprender a se dar bem com os colegas, adquirir habilidades físicas, bem assim como uma consciência moral e uma escala de valores.

(Transcrito da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos - vol. XXVIII -
julho - setembro 1957 - Nº 67).

- o o o -

*Recorrido
04/10/78
Mestres*